

A SAGA DO ANTI-HERÓI: UMA REFLEXÃO SOBRE AS SÉRIES DE TV¹

Edson Renato Nardi²

RESUMO

Busco nesse artigo, investigar o florescimento do protagonismo de anti-heróis em séries de tv norte americanas. Sensibilizado pela experiência ético-estética ocorrida por meio do contato com o personagem Walter White, da série de tv *Breaking Bad*, considero que essa ênfase se reveste de importância, dada as particularidades que possui, e que serão esmiuçadas nesse artigo. A estrutura argumentativa aqui adotada buscará definir os conceitos de herói-anti-herói e vilão, sua ocorrência em obras literárias, as particularidades que favoreceram sua presença em séries televisivas, algumas explicações possíveis para esse fenômeno e, por fim, aspectos éticos e educativos advindos desse fenômeno. As conclusões que apresento realizam a vinculação desse fenômeno com as características da sociedade ocidental na atualidade e a de seus respectivos sujeitos.

Palavras Chave: Anti-herói; Televisão; Filosofia.

ABSTRACT

I seek in this article to investigate the flourishing of the protagonism of antiheroes in North American TV series. Sensitized by the ethical-aesthetic experience of the contact with the character Walter White, from the television series *Breaking Bad*, I consider that this emphasis is of importance, given the particularities that it possesses, and that will be explored in this article. The argumentative structure adopted here will seek to define the concepts of hero-anti-hero and villain, its occurrence in literary works, the particularities that favored its presence in television series, some possible explanations for this phenomenon and, finally, ethical and educational aspects arising of this phenomenon. The conclusions that I present realize the connection of this phenomenon with the characteristics of Western society today and that of their respective subjects.

Keywords: Anti-hero; TV; philosophy.

INTRODUÇÃO

A inspiração inicial para a produção desse artigo iniciou-se em 2014. Ao conversar com um jovem professor a respeito de minha vinculação com a Filosofia e o meu apreço pelo cinema, de imediato esse professor me convidou a assistir uma

¹ Recebido em 20/06/2017

² Centro Universitário Claretiano. filosofiaead@claretiano.edu.br

Revista Livre de Cinema, v. 4, n. Especial, p. 18-30, jul, 2017

ISSN: 2357-8807

série de tv intitulada *Breaking Bad*³, me informando que essa série seria, em suas próprias palavras, “fantástica”, que certamente veria muita “filosofia” nela e que eu não me arrependeria.

Confesso, inicialmente, que não me animei muito com a sugestão, embora já tivesse assistido outras séries produzidas pela indústria de entretenimento americana, apresentadas pela tv aberta do Brasil, aventei a hipótese de que seria mais uma série com os mesmos clichês e lugares comum que estamos habituados a ver nessa mesma indústria.

Contudo, tal era a admiração dessa série pelo jovem professor que, em minhas férias, aceitei que o cioso fã a gravasse para mim e me pus a assisti-la e, ao fazê-lo, vivenciei uma proposta original e inquietante. Caso o (a) leitor(a) desse texto não a conheça, alguns esclarecimentos se fazem necessários, para a justificação adequada dos argumentos aqui apresentados.

Essa série televisiva, roteirizada pelo escritor e diretor norte americano Vince Gilligan, lida com a história de um professor de química chamado Walter White e como esse professor com características e fragilidades que o tornam muito verossímil, semelhante a uma pessoa comum, de nosso cotidiano, descobre que está com câncer, resolve adentrar ao mundo do crime, produzindo uma droga sintética, para conseguir gerar recursos, por meio de sua venda, para sua família, na eventual possibilidade de sua morte.

De imediato, essas fragilidades que o personagem possuía e os dilemas de sua escolha, produziram uma certa empatia minha para com ele e, a partir daí, fui paulatinamente acompanhando sua trajetória, ou seja, o personagem se tornou crível. Essa eficácia inicial, produzida pelo roteirista da série, segundo Thomsen (2013), ocorre quando:

O espectador percebe e realiza o sentido de um filme e sua narrativa de forma semelhante a como ele/ela faria da vida real. Os personagens são assumidos como tendo sentimentos e personalidades como pessoas reais, e as funções mundanas ficcionais como o mundo real. No entanto, isso não deve ser misturado com a "ilusão de realidade", onde o espectador, na

³ A série *Breaking Bad* foi criada e produzida pelo escritor e produtor norte-americano Vince Gilligan e transmitida nos Estados Unidos pelo canal de tv a cabo AMC ao longo de cinco anos, iniciando-se em janeiro de 2008 e finalizando em setembro de 2013. É considerada por muitos uma das maiores séries de televisão de todos os tempos. Dentre as muitas premiações que recebeu, destaco 16 prêmios Prime time Emmy Awards, oito prêmios Satellite Awards, dois Golden Globe Awards e 4 prêmios da Associação dos Críticos de Televisão dos Estados Unidos.

situação de visualização, é pensado que experimenta o mundo fictício como real. O espectador está bem ciente de que a narrativa é ficção, e que o mundo fictício é separado da realidade. Nós comumente falamos sobre como situações improváveis "só acontecem em filmes", mas esta consciência não nos impede de responder emocionalmente. (THOMSEN, 2013, p. 3 e 4)

A princípio, vários dilemas morais se apresentavam para o personagem e esses eram compreendidos e validados por mim a partir de um raciocínio utilitarista, ou seja, analisava os benefícios e malefícios de sua decisão e qual delas poderia gerar o maior bem para o maior número de pessoas. Especificamente no caso de sua doença, era compreensível que, ao pensar as consequências de sua morte para a sua família, havia um certo altruísmo em sua decisão.

Na medida que os episódios se desenrolavam, outros dilemas morais ocorriam ao personagem e esses eram validados moralmente por mim devido aos motivos que os circundavam e a balança das consequências utilitarista advindas de sua decisão.

No entanto, paulatinamente, a personalidade do personagem vai passando por sensível mudança, expressa, inclusive, em sua expressão corporal e, pouco a pouco, os motivos e finalidades de sua entrada no mundo do crime tornam-se cada vez mais contraditórias e percebe-se, pouco a pouco, motivos e justificações ocultas para as decisões que tomou.

Um desconforto ético e afetivo começou a surgir em mim com essas mudanças e, a cada episódio, a simpatia que nutria pelo personagem foi se esvaindo, passando pela indiferença, adentrando a indignação e, por fim, fui acometido por uma total aversão pelo personagem.

Com o tempo, percebia, em minha análise, que o indivíduo aparentemente altruísta, tornou-se um indivíduo obcecado com a posse e exercício do poder e que faria tudo aquilo que fosse necessário para esse intento, inclusive gerando a morte de inocentes ou ocasionando riscos reais de violência para sua família.

Essa aversão gerada me colocou em um impasse, pois considerava que, ao continuar assistindo a essa série, eu estaria compactuando com um espetáculo que afrontava frontalmente os meus valores éticos e, de certo modo, validando, por meio da minha audiência e interesse, ainda que indiretamente, esse tipo de comportamento/opção existencial.

Ao me deparar com esse impasse, constatei mais tarde, que era, inclusive, um dos objetivos do seu criador, isto porque “Vince Gilligan, disse muitas vezes, que queria criar um personagem que era bom quando a série começava, e que se tornava gradualmente mau, para ver o quão longe ele poderia manter as simpatias do público antes que elas finalmente se quebrassem”. (HAGLUND, 2011, s/p)

Mais ainda, surgiu em mim uma intensa preocupação, de caráter conservador e que se referia aos riscos de como essa abordagem que, em tese, naturaliza a violência e a total objetificação dos seres humanos, em nome de um projeto egoísta e megalomaniaco de poder pudesse ser apropriada por um telespectador mais jovem ou com eventual fragilidade na distinção entre o mundo real e fictício.

Com isso, cada novo episódio se tornava, literalmente, um dilema angustiante e a aversão gerada pelo personagem central, fazia com que torcesse, a todo o momento, para o fracasso e, até mesmo, a eventual morte do personagem.

Finalizo essa introdução, dizendo que essa experiência ético/estética perturbadora me motivou, assim como a muitos outros⁴, a aventar a produzir um artigo filosófico sobre essa série e, pouco a pouco, na medida em que me dedicava a analisar a literatura produzida a esse respeito, descobri que *Breaking Bad* fazia parte de um fenômeno maior e mais abrangente, o fenômeno da ênfase no anti-herói em protagonistas, produzidos em várias séries norte-americanas.

Essa descoberta, originou uma guinada em minha investigação e o texto aqui produzido é fruto dela. De modo geral, esse artigo buscará investigar a definição dos conceitos de herói, anti-herói e vilão, exemplos da manifestação do anti-herói em obras literárias, as especificidades que permeiam a ênfase nos anti-heróis em séries televisivas e, por fim, alguns possíveis desdobramentos éticos e educativos advindos desse fenômeno.

DESENVOLVIMENTO

Começamos então pela análise do conceito de herói. Um dos grandes referenciais que temos a esse respeito, baseia-se na obra de Joseph Campbell

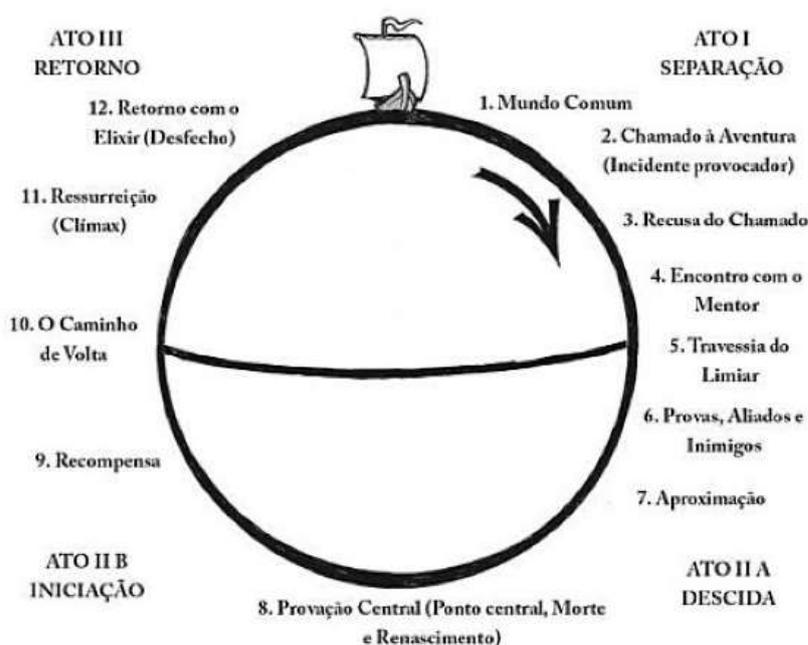
⁴ Em uma breve pesquisa, realizada em dezembro de 2016, na ferramenta de busca scholar google, pude constatar a existência de centenas de artigos, livros e capítulos de livros, inclusive em língua portuguesa, voltados para a análise dessa série televisiva e seu personagem central.

(1990), uma grande referência no estudo dos mitos que, ao analisar a figura do herói, nos mitos presentes em várias culturas, assim o definiu:

Mesmo nos romances populares, o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo. [...] há dois tipos de proeza. Uma é a proeza física, em que o herói pratica um ato de coragem, durante a batalha, ou salva uma vida. O outro tipo é a proeza espiritual, na qual o herói aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem. (CAMPBELL, 1990, p. 137)

Veja que Campbell (1990) ressalta que o herói é aquele que consegue superar a condição humana presente em nosso cotidiano, pois o que ele realiza, está acima de nossas capacidades normais, possui uma coragem que permite com que, inclusive, doe a sua vida em nome de uma causa e suas proezas físicas e espirituais.

Campbell (1990) considerou, inclusive, que as narrativas míticas sobre o herói, independentes da cultura do qual eram oriundas, possuíam uma estrutura comum, ou seja, uma série específica de etapas a serem vencidas e vivenciadas. A partir dessa estrutura proposta por Campbell (1990), o roteirista e escritor norte-americano Christopher Vogler (1998), propôs uma interpretação dessa estrutura a ser aplicada em obras literárias e cinematográficas e essa é a que se segue:



A jornada do herói. Fonte: VOGLER, C. A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Quer seja nas obras do poeta grego Homero com os heróis Aquiles e Ulisses ou, ainda, em um clássico cinematográfico da ficção tal como o Star Wars, na abordagem de Campbell (1990) e Vogler (1998), estará sempre presente essa estrutura apontada.

Desses elementos, vamos agora lidar com o conceito de anti-herói e, de imediato, é necessário que façamos uma distinção inicial a respeito desse personagem, o anti-herói e o vilão não devem ser confundidos visto que possuem características distintas. Vejamos como Mitchell (2013) se posiciona a esse respeito:

O "anti-herói" (também conhecido como o herói falho) é um arquétipo de caráter comum para o antagonista que existe desde as comédias e tragédias do teatro grego. Ao contrário do herói tradicional que é moralmente correto e firme, o anti-herói geralmente tem um caráter moral falho. Os compromissos morais que ele faz podem, muitas vezes, ser vistos como os meios desagradáveis para um fim apropriadamente desejado - como quebrar um dedo para obter respostas - o que for necessário para que o protagonista compareça à justiça. Outras vezes, no entanto, as falhas morais são simplesmente falhas morais, como o alcoolismo, a infidelidade, ou um temperamento incontrolável e violento. (MITCHELL, 2013, s/p)

Outras características que podem ser atribuídas ao anti-herói, seria a de eventual desapego emocional de elementos corriqueiramente defendidos pelo herói, tais como a "família, a comunidade, nacionalismo ou patriotismo, as instituições e ideologias no qual a ordem social é fundada" e, com isso, o anti-herói seria aquele que persegue um código de conduta específico que não o expresso na moral social prevalecente (MARINARO & THOMAS, 2012, p. 74)

Desses elementos apontados, destaco a fragilidade que o anti-herói possui se comparado com o herói, uma moral que, muitas vezes, está aquém ou segue caminho diverso daquela proposta pela sociedade e, por fim, o uso de meios moralmente questionáveis para uma finalidade socialmente válida.

Dentre alguns anti-heróis típicos, destaco a lenda do fora da lei *Robin Hood*, que roubava dos ricos para entregar o dinheiro roubado aos pobres, o que denota o seu afastamento do código jurídico existente e, na literatura, dois nomes certamente merecem nossa atenção. O primeiro deles é *Dom Quixote* (Ince p. 6), o cavaleiro da triste figura, imortalizado por Miguel de Cervantes e, o segundo exemplo, que dedicarei maior atenção, encontra-se na obra *Memórias do Subsolo* de Fiodor Dostoiévski.

Especificamente nessa obra de Dostoiévski (2000), segundo Kadiroğlu (s/d, p. 2) se encontra a primeira referência tácita ao anti-herói em uma obra literária e, quando me dediquei a localizar essa referência é a que se apresenta abaixo:

Um romance precisa de herói e, no caso, foram acumulados *intencionalmente* todos os traços para um anti-herói, e, principalmente, tudo isso dará uma impressão extremamente desagradável, porque nós todos estávamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais, outros menos. Desacostumamo-nos mesmo a tal ponto que sentimos por vezes certa repulsa pela “roda viva”, e achamos intolerável que alguém lembre a nós. Chegamos a tal ponto que a “roda vida” autêntica é considerada por nós quase um trabalho, um emprego, e todos concordamos no íntimo que seguir livros é melhor.” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 145 e 146)

Chamo sua atenção para a referência do trecho acima às derrotas que todos nós temos e que está presente no anti-herói, uma fragilidade que se encontra em nossas vidas e que, por meio dos livros, nos afastamos dela. Com isso, o anti-herói, se aproxima empaticamente de nós, ao apresentar algumas de nossas fragilidades, no entanto, ele assume uma porção intermediária entre o herói e o vilão.

Do primeiro, o anti-herói possui certos códigos morais e valores e, do segundo, se afasta de alguns de nossos ideais de ação, valores e comportamento. Nesse sentido, destaco as considerações a esse respeito emitidas por Lidgy-Judge (2013, s/p):

O anti-herói nem sempre encarna o binário dominante/superior, tampouco o anti-herói representa necessariamente o inferior, separando-o assim do vilão. O anti-herói pode, de fato, representar superior e inferior; tanto o bem como o mal, tanto masculino como feminino ao mesmo tempo. O anti-herói não é herói nem vilão, ou talvez ele seja ambos, representados através de um caráter complexo e convincente.

Quanto ao vilão, costumeiramente, esse se caracteriza por ser a face invertida do herói, enquanto o personagem heróico representa o *summum bonum*, o vilão traz consigo a representação do *infimum malum*. Enquanto o herói denota a posse de uma moral valorizada, apreço a determinadas ideologias e instituições caras a nossa sociedade, o vilão representa a tentativa da destruição desses elementos.

Considero interessante destacar que, mesmo o vilão, passou por representações diferentes ao longo da história do cinema americano. Segundo McClure (2014), na década de 1950, o vilão era um personagem masculino e “todos os personagens maus eram derivados de um grupo que os americanos acreditavam

ser maus [...] A necessidade dos vilões serem de um grupo mal visto, foi para tornar mais fácil para os telespectadores entender por que o vilão era ruim” (2014, p. 11-12). Nessa abordagem, ainda segundo McClure (2014), bastaria o indivíduo pertencer a esse grupo para que ele fosse considerado mau.

Especificamente no século XXI, os vilões ganharam complexidade, também são predominantemente masculinos, deixam de ser um mero representante de um grupo a ser tido como vil para ser a representação do grupo de modo geral, tornam-se mais individualizados e “há menos foco no herói e sua história e mais foco no vilão e o que o torna denso. O público tornou-se cada vez mais intrigado com os motivos do bandido. (Idem, p. 28 e 29)

A partir desses elementos apresentados, existem condições suficientes para que avancemos um pouco mais e, agora, te convido a verificarmos em conjunto, as especificidades que favoreceram à ênfase ao anti-herói nas séries televisivas. A primeira delas refere-se ao meio de comunicação, na medida em que investigava esse tema, pude constatar que o fenômeno ocorre com vigor na tv a cabo americana. As razões para isso, segundo Lidge-Judge, ocorrem devido ao fato de que:

A tv por assinatura e canais a cabo pagos, não tem que aderir às mesmas leis de transmissão que as redes e não precisam agradar aos anunciantes. [...] De fato, os canais a cabo pagos tem muito mais margem de manobra em termos de divulgação de conteúdo violento e sexual explícito. (2013, s/p)

A ousadia dessa programação não fica restrita à exploração da violência e dos conteúdos de ordem sexual, segundo Lidge-Judge (2013), para atrair uma classe média educada, passou-se a produzir programações de qualidade que "baseou-se em critérios tradicionais de valor estético, como autoria, liberdade artística e criatividade, experimentação formal e narrativa, caracteres complexos e escrita sofisticada" (JHONSON apud LIDGE-JUDGE, 2013, s/p).

Especificamente quanto ao anti-heroísmo, destaco as séries *Oz* (1997-2003), *The Sopranos* (1999-2007), *The Wire* (2002-2006), *Dexter* (2006-2013) e *Breaking Bad* (2008-2013) e, seguindo as considerações de Lidge-Judge, o pioneirismo do canal de TV pago HBO nesse segmento e na produção de séries de qualidade, que acabaram influenciando as concorrentes a seguirem caminho semelhante.

Desses elementos, resta agora a pergunta a respeito das razões que motivaram uma porção educada da sociedade, que possui um nível de vida relativamente abastado, vir a se interessar pela figura do anti-herói. Nesse sentido, a primeira explicação que apresento é oriunda de um estudo psicológico realizado por Jhonson et al (2012) e nele se buscou investigar os motivos que nos levam a ter interesse por personagens que possuem aquilo que intitulam de *dark triad* (tríade escura), quer seja, personagens que apresentam de modo moderadamente inter-relacionado: narcisismo, psicopatias e maquiavelismo em suas condutas.

O narcisismo ocorreria, segundo os autores, quando o indivíduo possui sentimentos de “grandiosidade, necessidade de admiração, falta de empatia, senso de autoadmiração” (Idem, p. 194). Quanto ao psicopata esse tem “comportamentos e emoções antissociais, incluindo afeto raso, baixo remorso, pouco medo, baixa empatia, egocentrismo, exploração, manipulabilidade, impulsividade, agressão e criminalidade” (Idem, p. 194). Já o maquiavelismo se dá quando a pessoa é “manipuladora, egoísta, com três componentes principais: Cinismo, manipulação e uma visão de que os fins justificam os meios” (Idem, p. 196).

Quanto às explicações que os pesquisadores apontaram a respeito da ênfase na *dark triad*, uma delas seria a de que se “pode indicar uma estratégia de vida rápida baseada em recompensas e gratificações imediatas” (Idem, p. 193) e como não podemos adotar em nosso cotidiano esse tipo de estratégia, a ênfase no anti-herói funcionaria como uma espécie de catarse.

Outra explicação possível, essa emitida por Ince (2013), relaciona a ênfase no anti-herói ao momento histórico cultural que vivemos, representado pelo conceito de pós modernidade.

Antes que analisemos o posicionamento da autora, considero importante esclarecer que, na pós modernidade, não mais existe a possibilidade de uma narrativa que estabeleça alguma espécie de transcendência ou uma verdade que tenha um caráter universal tal como a de progresso, proposta pelos positivistas, uma razão emancipada, tal como proposta por Kant ou, ainda, uma sociedade igualitária tal como a representada pela proposta marxista.

Vejamos agora como a autora se posiciona a esse respeito:

A condição pós-moderna, de fato, afetou nossa compreensão do mundo, assim como nossa recepção de personagens de ficção, assim como não acreditamos mais no mundo onde um herói puramente bom vem e salva o dia, não queremos mais ver um personagem fora da lei, é tão perfeitamente justificável em suas ações moralmente questionáveis que ele inevitavelmente acaba sendo o cara bom. (INCE, 2013, p. 11)

Segundo a autora, na civilização ocidental, estaria ocorrendo o fim das metanarrativas, ou seja, as narrativas que buscam dar um significado às experiências que vivenciamos, os conhecimentos que adquirimos ou a possibilidade de que haveria um significado na evolução histórica da sociedade estariam sendo abandonadas.

Em tal contexto, ainda segundo Ince, a incerteza vivida pelo indivíduo pós-moderno, ocasionaria o surgimento de personagens dúbios, tal como o manifestado pelo anti-herói, visto que não existiriam valores transcendentais que o conduziriam; as ambiguidades, típicas de alguém em crise advinda da ausência de sentido, se manifestariam nos personagens e a dicotomia bem vs mal começaria a ruir, ocasionando o surgimento de caracteres que não são vilões e, tampouco, santos.

Outra abordagem filosófica para esse fenômeno interessante é a apresentada por Lidg-Judge (2013) e Ince (2013), ao fazer uma revisão bibliográfica a respeito, apresenta o existencialismo como elemento influenciador desse fenômeno na literatura. Os elementos explicadores da realidade tal como ocorriam no passado cultural humano, com o advento do existencialismo, segundo a pesquisadora, não mais existiriam, o homem encontrar-se-ia só no desafio de dar sentido e projeto para a sua vida.

Lidg-Judge (2013) trata também do fenômeno da alienação presente nos personagens de séries televisivas e seu sucesso junto aos espectadores. Para a pesquisadora:

Outro fator chave contribuinte para o sucesso do anti-herói contemporâneo na América relaciona-se com a crescente alienação do indivíduo. Numa sociedade cada vez mais fraturada, em que a tecnologia tem precedência sobre a comunidade, um anti-herói que é ele próprio alienado e marginalizado pode falar diretamente com milhões de espectadores (LIDG-JUDGE, 2013, s/p)

Por fim, a autora cita também a presença de questões referentes às incertezas do homem quanto a sua sexualidade e masculinidade ou, ainda, como eventos traumáticos, tais como o 11 de setembro nos EUA, que ocasionaram um

medo crescente na sociedade e a necessidade que as pessoas passaram a ter de um indivíduo que use de meios questionáveis, para alcançar fins socialmente válidos.

Terminada essa análise, irei tratar agora das implicações filosóficas e educativas desse fenômeno. A primeira delas adveio de uma constatação empírica pessoal e, como tal, necessitaria de maiores investigações para eventual generalização, mas, ainda assim, me vejo na necessidade de manifestá-la.

Refiro-me ao fenômeno popular que se tornou o personagem Walter White, da série de tv *Breaking Bad*. Notei na análise que realizei que, na medida em que a série ocorria, mais e mais pessoas se identificavam com o personagem, ostentando aqui e ali, objetos e frases que faziam referência ao personagem e, mesmo após a mudança do personagem de um perfil anti-heróico para um perfil típico do vilão, algumas das pessoas com os quais conversei, pareciam admirá-lo nessa condição, ainda que nela se apresentava uma pessoa apta a matar homens, mulheres, crianças inocentes e gerar esse mesmo risco à sua família, tão somente em nome da aquisição de poder.

O incômodo não era referente ao aspecto estético manifestado pela qualidade do personagem, ele se manifestava no aspecto ético, isto porque, em alguns momentos tive a impressão que a anomia, a total ausência de regras, era algo considerado como uma decisão existencial axiologicamente válida.

Ao analisar essa possibilidade com mais cuidado e ao investigar algumas possibilidades explicativas, pude constatar também, que eu poderia estar sendo vítima da chamada “hipótese do efeito terceira pessoa” tal como proposto pelo sociólogo norte americano W. P. Davisson e, nessa condição, segundo esse pesquisador:

Em sua formulação mais ampla, esta hipótese prevê que as pessoas tenderão a superestimar a influência que as comunicações de massa têm sobre as atitudes e o comportamento dos outros. Mais especificamente, os indivíduos que são membros de uma audiência que está exposta a uma comunicação persuasiva (quer essa comunicação seja ou não intencionalmente persuasiva) esperam que a comunicação tenha um efeito maior sobre os outros do que sobre eles mesmos. E se esses indivíduos estão ou não entre a audiência ostensiva para a mensagem, o impacto que eles esperam que essa comunicação tenha sobre os outros pode levá-los a tomar alguma ação. Qualquer efeito que a comunicação obtém pode assim não ser devido à reação do público ostensivo, mas sim ao comportamento

daqueles que antecipam, ou pensam perceber, alguma reação por parte dos outros. (DAVISSON, 1983, p. 3)

Dito de outro modo, os autores dessas séries, poderiam ter aventado como estratégia, provocar em mim e nos demais espectadores, essa preocupação com a terceira pessoa e, ao agirmos desse modo, estaríamos favorecendo o sucesso e impacto da série.

É possível também que as séries citadas nesse texto, tenham se tornado atrativas na medida em que, para o público em geral, e em minha percepção estética pessoal, apresentam personagens mais próximos da realidade, pois suas ambiguidades tocam fundo em nossa experiência cotidiana, visto que, o heroísmo extremado e a vilania irreduzível, não se mostram presentes em nossa vida diária e, muitas vezes, em nosso cotidiano, fazemos uso de meios eticamente questionáveis para atingir finalidades eticamente válidas.

Outro aspecto a ser destacado é que, essas séries também denotam um certo relativismo ético pelo qual passa nossa sociedade, haja visto que as grandes narrativas a respeito do certo ou errado, na medida em que demonstraram suas contradições ao longo do tempo, tornaram-se questionáveis e alvo de crítica significativa.

Por fim, quanto aos aspectos educativos dessas séries, é inegável que podem ser utilizadas para gerar profundas reflexões e debates de ordem ética, política e estética. Do utilitarismo vs formalismo kantiano, do maquiavelismo vs política assentada em virtudes, o anti-herói, dada a sua ambiguidade, pode ocasionar excelentes nuances e possibilidades para tocarmos temas como o bem, finalidade da vida ou o exercício do poder e devem, sem dúvida, compor uma das possibilidades didáticas a serem utilizadas para o ensino da filosofia.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DAVISSON, W. P. **The Third-Person Effect in Communication**. *The Public Opinion Quarterly*, v. 47, n. 1, 1983. Disponível em: <http://lcc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Davison%20Third-Person%20Effect-1.pdf>. Acesso 11 fev. 2017.

DOSTOIÉVISKI, F. **Memórias do Subsolo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

HAGLUND, D. **TV's New Ambition Problem**. Disponível em: http://www.slate.com/blogs/browbeat/2011/11/21/tv_s_new_ambition_problem.html. Acesso 19 jan. 2017.

INCE, E. **The subversive anti-hero trend in post modern tv: how subversive are they, really?** 30 folhas. Tese (mestrado em Artes). Bahcesehir University, Istambul, 2013.

KADIROGLU, Murat (s.d.), **A Genealogy of Anti-hero**. Disponível em: <http://dergiler.ankara.edu.tr/dergiler/26/1748/18584.pdf>. Acesso 29 jan. 2017.

LIDGE-JUDGE, C. **The television anti-hero**. Setembro de 2013. 82 folhas. Tese (Doutorado em mídia e comunicação) – Department of Media & Communications, Mary Immaculate College, Limerick, 2013.

MARINARO, F. M. THOMAS, H. **“Don't make people into heroes, John: (Re/De) Constructing the Detective as Hero**. In: PORTER, L (Ed). *Sherlock Holmes for the 21st century: essays on new adaptations*. McFarland & Company, Inc, Publishers, 2012.

McCLURE, K. **The Evolution of the Villain in American Cinema**. Honors Projects in English and Cultural Studies. Paper 6, 2014. Disponível em: http://digitalcommons.bryant.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1005&context=honors_english. Acesso 30 jan. 2017.
http://digitalcommons.bryant.edu/honors_english/6

MITCHELL, J. **The Rise of the Anti Hero: Why the characters in TV and movies we love most are the ones with fatal flaws**. Relevant Magazine, 2013. Disponível em: <http://www.relevantmagazine.com/culture/tv/rise-anti-hero>. Acesso 26 jan. 2017.

THOMSEN, S. D. **Rooting for the bad guy: emotionally engaging in breaking bad's Walter White**. Tese (Mestrado em Inglês). Aalborg University, 2013, 35 folhas.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.